

**“Mulher à beira de uma largada de pombos”
(À volta das canções de José Afonso), de Maria Jorgete Teixeira**

Gosto de me deter nas capas dos livros. Elas sempre revelam um pouco ou dos seus autores ou se relacionam de algum modo com o conteúdo quer seja como reforço quer por contraste. Este livro é atraente, pelo título algo ambíguo, pela composição onde predomina a beleza melancólica da mulher, as flores vermelhas em contida exuberância, complementado pelo tom verde seco e discreto com nome da autora num quase triângulo que junta e divide. A capa ilude-nos ou conta-nos a verdade? Logo se verá!

A vida, a força das palavras e da música de José Afonso têm despertado um impulso inspirador multidisciplinar que atravessa a pintura, o cinema, novas interpretações das suas músicas e a escrita. Zeca escreveu e cantou num grito de denúncia as injustiças do mundo e, neste caso, o sofrimento de mulheres em diversos contextos. Jorgete escutou, leu e também se deixou contaminar pelo apelo e pelo feitiço das palavras, e, sem fugir da sua leitura do mundo, mas apropriando-se da sua condição demiúrgica, criou novas imagens, novas histórias, outros gritos de denúncia, daquilo que emana da alma do poeta/cantor.

Este livro, tal como as canções do Zeca, penso que nasce duma necessidade de resistência, de uma visão política da realidade. Nessa sua interpretação do mundo Jorgete assume e aplica o pensamento de Terêncio “tudo o que é humano me diz respeito”. Ora quando se fala em humanidade, mais de metade dessa humanidade é Mulher, apesar da sua invisibilidade. Mas é aí, nesse mundo quase oculto, que a autora constrói as suas histórias, pondo-se ao lado desta permanente luta das mulheres pelo reconhecimento, pelo valor, pelo direito de ser gente. No entanto, a autora não se coíbe de apresentar de forma desinibida as contradições dos seres humanos, sejam homens ou mulheres. E na apresentação das suas personagens, Jorgete despe-os sem acanhamento e aprofunda as suas reações até ao osso, onde ora se vislumbra uma linguagem pictórica ou se espreita um guião cinematográfico, sempre envoltos numa poesia que paira sobre todos os textos como uma nuvem que humedece e revigora o seu sentido. São narrativas curtas, intensas, que provocam a revolta, que apertam o coração, que comovem, que incentivam a caminhar para a utopia. Com uma imagética visceral e audaciosa, uma escrita profundamente emocional, uma prosa poética reveladora de sentimentos à flor da pele, Jorgete usa a linguagem e as histórias visando outra voz e outros factos, estabelecendo ao mesmo tempo e com agudeza inspiradora um mapa de experiências traumáticas ou catárticas. Ela emerge no quotidiano com narrativas que tendo um novo chão, este é apenas uma camada sobre o chão antigo, num mundo como que suspenso, esperando ordens e futuros. Senti uma certa identificação com Torga e com o seu livro “Os Bichos”, em especial o conto Madalena, em alguns momentos da narrativa. Também não pude deixar de pensar nas “Novas cartas portuguesas” e verificar que passados mais de 40 anos este tema continua tão pertinente.

Para além disso, este é um livro escrito com paixão, traduzida não só nas histórias mas na escrita atenta, arrojada, solidária, onde parece assumir uma certa responsabilidade de fazer eco do já falado, cantado, dito. Então expande, exterioriza, dá formas e conteúdos novos tanto às personagens inventadas como às reais. Há nestes textos um permanente estar presente revelado pela linguagem profunda, inquietante, desassombrada, crua e emotiva em que é evidente a compaixão (agora palavra aglutinada) e amor pelas personagens criadas. A narradora que começa distanciada da história que conta, no seu papel omnipresente e

omnipotente, de repente imerge nela e quase se transforma numa das personagens. Estabelece-se uma relação de profunda cumplicidade entre ela e as personagens com que povoa os textos. Em alguns casos, até há uma espécie de mimetismo com as vidas que descreve e com as dores que elas carregam. É como que a dizer “não estás só!”, partilho contigo a tua solidão, a tua desventura, a tua luta. O sujeito tanto se afasta como se aproxima do leitor criando um mundo extremamente empático, de cruzamento de experiências entre os heróis da trama e a narradora. Vês? Estou aqui! Esta simbiose também se entranha em nós próprios, enquanto leitores e envolve-nos de tal modo que é difícil sair e assumir a qualidade de mero espectador.

A Mulher é o tema global dos contos, não no sentido laudatório ou até vitimizador mas surge neles em toda a sua humanidade desigual, nas relações que ela estabelece com os homens, onde é salientada a força da educação, do preconceito, da humilhação, da exploração, da violência, tornando, do meu ponto de vista- talvez um pouco controverso-, não a mulher como personagem principal, mas sim os homens e o seu poder dominador ancestral. Podemos dividir os contos, como a autora propõe, entre os do passado e os do presente, centrando-se no primeiro caso em temas como a guerra colonial, a Pide, a pobreza e miséria do povo, a resistência e luta contra o fascismo, abrangendo, no segundo, questões como a exploração sexual infantil, as crianças abandonadas, os amores e desamores ...Nestes dois blocos, a autora escolhe estrategicamente as partes dos textos de cada canção, nem sempre as mais óbvias para o leitor, pelo que até nesse especto a leitura se torna um desafio interpretativo extremamente interessante, e é com elas que começa cada narrativa.

Assim, incluem-se nas referências ao passado o conto que invoca a canção “era um redondo vocábulo”, em que decifra a natureza surrealista das palavras, vertendo-a para uma linguagem crua e realista mas que encerra no âmago da trama algo de surreal, aproximando-se assim do poeta de uma forma completamente nova. Num ambiente de prostituição e pobreza, habitado por homens como “lobos famintos”(cito), apresenta , de forma singular e comovente um lugar de ternura entre a prostituta e um homem sem braços. Jorgete , simbolicamente retira ao homem uma arma de agressão , elimina -lhe a força física, dando-lhe, em contrapartida, uma carga de doçura e redenção que os junta no amor. E é essa recordação de uma relação feliz e de equidade que dá depois coragem e firmeza ao homem quando precisa de resistir aos torturadores. (pag 8) .

“Na mulher da erva” Jorgete explica com uma enorme sensibilidade a síntese do Zeca sobre a situação da mulher pobre, analfabeta, mal tratada por todos, conformada, morta de cansaço sem forças para lutar (pag17), ao mesmo tempo que revela com notas de um lirismo tocante as sensações dessa mesma mulher perante a natureza, seu único refrigério (pag18). Ainda neste conto, descreve a grandeza e a coragem dos velhos que partem para o monte para aí morrerem com dignidade. Aqui lembra o filme japonês de Akira Kurosava “A montanha de Fugiyama “para se verificar, dolorosamente, as semelhanças dos comportamentos dos seres humanos, em qualquer parte do mundo, perante situações limite, quando pobreza e a miséria se impõem ao instinto e sobrevivência.

O texto, que tem como mote “ Na rua António Maria” é um dos textos mais duros do livro. Faz uma descrição pormenorizada e angustiante das técnicas de tortura da PIDE sobre os presos, neste caso sob o ponto de vista de duas mulheres. Há como que um embate entre duas mulheres, um confronto entre a mulher presa e a sua torturadora. David e Golias no feminino. De um lado, a crueldade, o desejo de dominação, a raiva, o sadismo e do outro lado, a

resistência, a altivez, a coragem. Jorgete é muito imaginativa e tem um talento especial para encontrar finais inesperados. Aqui o final é deliciosamente inusitado onde a presa munida de uma força que lhe vem de uma cultura de emancipação e da consciência da sua condição de mulher, enfrenta a sua torturadora, e, com uma calma desarmante, a desmascara e reduz à condição de subjugada pela violência do homem, vítima do carrasco doméstico que a domina e vence.

As crianças são tema recorrente nas canções do Zeca e denotam, o seu afeto, a ternura, o respeito e a preocupação pela vulnerabilidade desta camada de humanidade pequenina. Jorgete explora também muito bem esta mundividência e descreve de forma pungente a dor da mãe que perde o filho na guerra do ultramar. O soldadinho que a mãe continua a esperar refugiada no delírio de não aceitação do regresso do filho numa caixa de pinho... É um texto que toca as fibras mais impressionáveis do nosso ser. Jorgete mune-se de uma sensibilidade extrema para exprimir, com as palavras do coração, o sentir da mãe, a sua loucura provocada pelo atroz sofrimento, dando de forma engenhosa, saltos no tempo em que passados e presente se misturam, na insânia da perda. De novo, tanto pelo tema da demência, provocada por um trauma, quer pela linguagem de forte carga imagética, este conto fez-me invocar um filme chinês chamado "Regresso a casa" de Zhang Yinou, em que também a dor transforma inexoravelmente a condição de existir.

A mulher – mãe – doçura- dedicação é tratada com enorme força dramática na abordagem que faz ao tema das crianças institucionalizadas e utiliza, no seu jeito de fazer vibrar, como cordas de violino, as palavras que exprimem sentimentos e emoções, nesta relação da mulher-mãtria, mãe de todas as coisas e de todos os seres. (pag21). O texto ao terminar com a pergunta angustiada: "É para sempre?" levanta questões que encerram a irresponsabilidade, a injustiça e a indiferença de toda uma sociedade. Apesar das diferenças, mas tendo a criança como referência, salto deste texto para o universo chocante da exploração sexual de menores. Aqui, Jorgete disseca, através de uma prosa poética, genuína nas inflexões de raiz africana, com mesclas de enorme realismo, a violência, a crueldade contra as meninas virgens, arrancadas das suas aldeias. Meninas que sonham com a fome e a desejam, por não suportarem a vida atual, na "Avenida de Angola" feita de nomes estrangeiros, roupas brilhantes e de vorazes homens brancos (pag 14, 15).

"No lago do breu" há como que uma promiscuidade entre uma escrita realista mesclada por um surrealismo intencional, e o próprio conteúdo, num dizer-esconder para o tornar ainda mais transgressor. Descreve com grande acuidade a linha estreita entre o comportamento dito normal e os sinais contrários, ligados a uma moralidade duvidosa assente na educação, na tradição, no preconceito, no estereótipo, na submissão da mulher. Jorgete relata numa linguagem áspera e sem pudor, a mulher predadora, a que escolhe, que ludibria, que usa o seu corpo desligado de sinapses mentais, de sentimentos, mas não de emoção, que essa é permanente. E então lembra de novo o cinema, a talentosa Catherine Deneuve, em Belle de Jour, de Bunuel, pela sedução do submundo, do sórdido, por um certo primitivismo sexual atávico, e pela capacidade de escolha. Exprime com rigor a vulnerabilidade da condição humana, as fragilidades, a troca de papéis tradicionalmente propostos, num jogo de ilusões e mergulha de cabeça num mundo "de almas estilhaçadas" (cito). No entanto, numa espécie de esquizofrenia em que num só corpo habitam duas pessoas totalmente diferentes, surge na mulher "um nó de remorso" (cito) e, talvez por isso, sente-se o travar da espiral de degradação,

com o maravilhoso e inesperado final, em que a mulher, com um doce sorriso, entrega o dinheiro recebido ao mendigo da calçada.

O conto “Que amor não me engana” contrasta em tudo com o anterior tanto na linguagem, agora na senda dos escritores românticos do sec XIX, como no tema em que a mulher não aguenta o abandono do amado, não suporta a falações dos vizinhos e com uma inocência confrangedora encena o seu suicídio, com pormenores, comprazendo-se antecipadamente com os hipotéticos remorsos do companheiro. Jorgete descreve com graça o final trágico-cômico, pois a mulher é salva pela saia que a agarra a um tronco e não a deixa cair no abismo. A saia da mulher, símbolo do feminino, a funcionar como uma chamada à razão, enquanto a voz do poeta anuncia a Primavera.

Juntei de propósito os dois contos Teresa Torga e Catarina por se tratar de personagens reais. A autora mistura com mestria a verdade histórica, que se conhece, com a sua própria análise dessa realidade. Sendo personagens com mundos vivenciais completamente diferentes, encontram-se no inconformismo, na sua força interior, no modo desafiante com que enfrentam o poder masculino. Mulheres fortes que se opõem ao status quo ou ao desprezo a que são votadas, e por isso são castigadas, uma com a decadência e a loucura , outra com a morte. No conto de referência a Catarina Eufémia, Jorgete é de novo surpreendente quando introduz uma nova personagem, nossa contemporânea, também ela Catarina. E como a escritora é soberana, dona da vida e do tempo faz desta nova personagem como que um arauto, eco dessas mulheres resistência, arrastando-se para a escuta da voz da campina, do clamor da pobreza, do brado das fugas na procura de uma vida melhor, do grito do inconformismo, temas que afinal ainda hoje estão presentes no nosso quotidiano.

Fecha a narrativa com um texto magnífico, escrito numa prosa poética de grande densidade emocional. É um hino à mulher. A mulher como símbolo do essencial invisível, do princípio dos princípios, do Verbo. (ler as últimas duas linhas)

Para terminar, dizer que a leitura deste livro me levou a pensar em algumas metáforas. Primeiro vi-o como uma ponte. Este texto é uma ligação entre o real e o imaginário das músicas e palavras do Zeca e as histórias que elas despertaram, expandindo-se para outros destinos, para novos horizontes. A ponte é “uma passagem para a outra margem” diz a canção, e, neste caso, uma passagem sobre o abismo da mente e da alma, sobre a teias do comportamento humano, chegando a margens onde a humanidade se desvenda. Em segundo lugar, vi este livro como uma janela. Cada história é uma janela do *domus* que é a vida. As janelas fecham-se ou abrem-se, escondem ou mostram, conforme a pessoa por traz da vidraça. Para mim, a pessoa por traz da vidraça, a escritora, objetivou a sua verdade rasgando esta janela num pedaço de medo, tornado coragem, e dali olhou para dentro e de dentro de si, de nós, e nesse nós vemo-nos a todos, como em espelho. A janela também pode ser espelho. Finalmente, este livro é também um abraço e um convite. Um abraço a metade da humanidade. Um convite à outra metade para entrar nesse amplexo.

Obrigada.

Guadalupe Magalhães Portelinha